ME SECRETARIA-GERAL
DIVISÃO DE DOCUMENTAÇÃO

JORNAL DE NOTICIAS P 19

Número 13670/82

ENSINO SUPERIOR/ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL

1/1

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

Associações Académicas - Activid./sócio culturais - Comemorações

Univ. Coimbra

MOVIMENTO ASSOCIATIVO MODERNO PRECISA DA PARTICIPAÇÃO DE TODOS

— apela o presidente da Académica de Coimbra, Benjamim Lousada

Por MÁRIO MARTINS (colaborador)

«A Associação Académica está viva e mantém-se jovem. Respeitamos as tradições, tentamos revitalizá-las, mas, ao mesmo tempo, também queremos inovar, modernizar o movimento associativo. Por isso, podemos dizer que a Académica está bem viva e... continua jovem» — refere Benjamim Lousada, presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC), estrutura que hoje completa 100 anos de existência.

A Academia coimbrã está em festa, celebrando o centenário da sua associação. As últimas 100 horas foram de actividade intensa, com um programa recheado, da música ao cinema, do desporto às exposições, das feiras aos convívios dançantes.

Foram as últimas 100 horas, antes dos... 100 anos se completarem, foi a alegria, a paixão nos alunos escolares, o reencontro de velhos amigos, o reviver de episódios que deixaram saudades. Tudo começou na passada quinta-feira, às oito da noite, para acabar às zero horas de hoje.

Centenário — momento de festa, mas também de reflexão. Apesar da alegria, nem tudo vai bem na maior associação de estudantes de Portugal. Os problemas são muitos, e «nem» é difícil de equilibrar no meio dum «águas» nem sempre calmas onde navega. Daí que o presidente da Direcção-Geral da AAC, Benjamim Lousada, 26 anos, estudante de Medicina, nos confesse sentir-se desgostoso, apesar do orgulho que tem em ser o... «presidente do centenário». Desgostoso e desiludido, diz-nos que «este foi o primeiro e o último mandato».

Benjamim Lousada, o «presidente do centenário» da Associação Académica de Coimbra: «A política do Ministério da Educação tem de ser revista, alargando o número de estudantes que podem chegar à Universidade». (Foto de Manuel Corrêa).

Capa pelos ombros, batina a rigor, recebe-nos no seu gabinete pessoal. Lá fora, na Praça da República, a música e as iluminações convidam os estudantes a concentrar-se à festa. Ele, com um visível débito de horas de sono, dispõe-se à entrevista. Pega em «dossiers», mas terá de levantar-se vários vezes para procurar documentos que o ajudam a esclarecer-nos algumas dúvidas. Volta o moço, o telefone toca, alguém bate à porta, solicitam-lhe indicações, sai, volta a entrar. Os ponteiros já quase viraram mais uma página do calendário, os corredores da associação fervilham de gente.

«Bem tudo funciona como gostaríamos, mas basta passar por este caos para ver a vitalidade da Associação Académica de Coimbra» — salienta Benjamim Lousada. «Temos receios que movimentem 200, mesmo 400 pessoas. Daí que digamos que a AAC, apesar do centenário, continua viva, tem gente. Poderia estar melhor, é certo... E o caso do «estudante anónimo», que vem imbuído da ideia de tirar o curso a qualquer preço e que tenta passar ao lado da sua associação. Perde o sentido de companheirismo, de vivência académica, que esta casa lhe pode dar e, por outro lado, não contribui para uma força ainda maior da associação. Não, o nível de participação dos estudantes não é baixo. Não é que somos exigentes e queremos uma participação... total! Todos os estudantes devem participar no movimento associativo».

• Enorme insucesso escolar em Coimbra

JN — Reclamar uma participação de todos os estudantes pode querer significar a aproximação de... confrontos. A Universidade não está a funcionar bem?

BL — Não está bem de todo. Surgem problemas todos os dias, com alterações dos «currículos», com regulamentos paralelos, com notas injustas. Vêem-se pontes onde quase só existem... representações! Será só culpa dos estudantes? Será que a «máquina» está bem montada, bem oleada?... O insucesso escolar em Coimbra é enorme e temos várias preocupações a nível pedagógico.

JN — ...

BL — Preocupa-me que possam vir a ser tomadas medidas menos condizentes com as realidades do ensino superior e que o individualismo de alguns estudantes contribua para a sua concretização. Daí o meu apelo à participação de todos nas estruturas associativas. O estudante tem de reflectir, tem de participar na definição das aspectos que lhe dizem directamente respeito. Para que serve estar na Universidade e, depois, não encontrar outdes profissionais? Temos que chamar a atenção dos poderes públicos, temos de reclamar contra estas «injustiças do futuro», e só conjugando todas as forças é que poderemos reivindicar com a garantia de que os nossos pontos de vista sorbo considerados. A própria Associação Académica deve reflectir, analisar os problemas que se colocam e si própria e saber utilizar a força que indiscutivelmente possui.

JN — Este alarmamento de alguns estudantes do movimento associativo poderá ter algo a ver com a forte conotação partidária que as direcções-gerais da AAC vêm tendo, fenómeno, aliás, cada vez mais acentuado...

BL — O movimento associativo tem de ser suprapartidário. Estamos num país democrático e, por isso, é perfeitamente natural que nos apresentemos às eleições com uma «carga ideológica». No entanto, tem de existir um grande sentimento de unidade. Ao pessoal têm de vir a esta casa participar em tudo o que lhes diga respeito, sem terem de pensar que esta é a direcção-geral que foi apoiada pelo partido «A» ou «B».

JN — Voltemos aos problemas que afectam o estudante universitário...

BL — Outra situação que nos preocupa é o que diz respeito ao facto de Universidade estar a crescer, as faculdades cada vez terem mais departamentos, mas manter-se o mesmo número de professores, o mesmo espaço físico. Por outro lado, continua a vigorar a política dos «numerus clausus», sendo as legítimas aspirações de quem quer frequentar o ensino superior e não o conseguir fazer. É necessário abrir as universidades. Com qualidade, concordo. Mas tudo a gente que fez no 12.º ano não será, certamente, incapaz de frequentar o ensino universitário. O «funil» da entrada é apertado em demasia... A política do Ministério da Educação tem de ser revista, alargando o número dos estudantes que podem chegar à Universidade.

• Académica — 100 anos

JN — Qual tem sido o contributo da AAC para ultrapassar estas situações?

BL — Tem sido importantíssimo, pois temos liderado todas as contestações ao actual estado de coisas, alertando as outras associações. Esta direcção-geral tem estado atenta, tem exercido a sua influência. Não podemos esquecer que foi a AAC que liderou a contestação aos regimes do precedência e prescrições que nos quiseram voltar a impor. Também no que diz respeito às universidades privadas, fomos nós os primeiros a contestar o modo como elas deturam a ser criadas. Nos casos relativos à autonomia universitária também temos estado atentos.

E acrescenta Benjamim Lousada:

— Temos realizado «jornadas pedagógicas» nas várias faculdades e, agora, pensamos organizar encontros nacionais por faculdades, culminando com um Encontro Nacional de Estudantes do Ensino Superior. Estamos a fazer um levantamento exaustivo das dificuldades que temos, das injustiças que se cometem a nível pedagógico, temos dialogado entre nós, para agora chamar a atenção das entidades competentes, para que os nossos problemas sejam resolvidos.

JN — Para quando o contacto com o Ministério da Educação?

BL — Estamos a preparar um memorando para lhe entregar, envolvendo questões como sejam o acesso ao ensino superior, as universidades privadas, a autonomia universitária, a lei das associações de estudantes e a regulamentação dos órgãos de gestão das escolas. Queremos apresentá-lo no mais breve espaço de tempo, ainda em 1982.

JN — Será este, então, o primeiro contacto com o novo ministro?

BL — Não. O primeiro contacto será para convidar o sr. ministro a integrar a Comissão de Honra do nosso número de centenário, discutir alguns pontos de subsídios e alguns problemas diversos ligados ao ensino superior.

JN — Ou seja: nem os 100 anos, nem as comemorações do centenário, tiraram à AAC a sua tradicional vivacidade...

BL — Não, não tiraram. A AAC está viva e continua jovem. Tão jovem que pensa que deveremos voltar a alterar os seus estatutos. Apesar de só terem seis anos, os actuais já não são adequados à realidade presente. Não também estamos a crescer e os estatutos mostram-se parcialmente ultrapassados. Vamos ter de conseguir um consenso alargado, já que é necessária uma maioria de 2/3 dos votantes. Estamos a trabalhar no sentido de conseguir grandes consensos...

Um aparte nosso, para aliviar o diálogo:

— Como os parlamentares estão a tentar fazer...

Benjamim Lousada, com um sorriso:

— É mais ou menos uma coisa parecida. Também não tivemos a maioria absoluta e também sentimos não conseguirmos rever os estatutos.

• Centenário: Mário Soares não chega...

JN — Um lugar como este, de presidente da maior associação de estudantes, é «sensível» às pressões políticas...

BL — Não me preocupam as pressões. Preocupam-me as... desistências. Sinto, por vezes, uma indiferença muito grande, vejo criar-se uma série de situações que me levam, depois, a tentar adivinhar o que está por detrás. São muitas as dificuldades que sentimos em chegar junto de uma grande série de individualidades.

JN — Queixas de quem?

BL — De muita gente. Mas não quero, nesta altura, dizer tudo o que tenho para contar. O balanço será feito na devida altura, no final do meu mandato, em Janeiro próximo. Mas não posso deixar de lamentar os descuidos na atribuição de subsídios que pedimos para as comemorações do centenário da AAC. O maior carinho tem vindo — e é justo que o diga — do presidente da República, que tem sido a pessoa que mais nos tem acarinhado, mostrando que respeita a juventude portuguesa, o movimento associativo, o movimento cultural, o movimento académico. Presto a minha maior gratidão ao sr. presidente da República.

JN — A falta de subsídios compromete as comemorações dos 100 anos da Académica?

BL — Pelo menos não deixa que as façamos como as pensávamos fazer. Aliás, responsabilizamos quem não nos apoiou pela fragilidade de algumas iniciativas e pelo facto de já termos desistido de outras.

Num repente:

— Mas vamos até ao fim, mesmo com dinheiro e sem apoios logísticos. As coisas não conseguem ter como nós pensamos, pelo menos... Mas não compreendemos como é que alguém consegue pôr em risco o centenário da maior vez do país em termos de movimento associativo de estudantes. As pessoas não se devem alhear.

JN — Não devem ou... não deviam?

BL — Eu acredito até ao fim e espero que nos atribuam os subsídios. Ou melhor: se acredito, eu não, já não sei... Mas, até ao final do mandato, estarei à espera que viabilizem as nossas comemorações. Realizámos actividades durante todo o ano de 1981. O nosso orçamento para as comemorações é de 80 mil contos e, até ao momento, apenas recebemos pequenos subsídios.

JN — De quem?

BL — De entidade bancária que vai comercializar a medalha comemorativa, que conosco assinou um protocolo nesse sentido, do Governo Civil, da Câmara Municipal, e uma quantia irrisória da Região de Turismo do Centro, que nos atribuiu 100 contos... Apoio significativo só da Reitoria da Universidade, que esperamos ainda venha a ser complementado com outros apoios, do tipo das obras que estão agora a ser feitas na nossa sede.

Apesar de tudo, das tristezas, dos lamentos, Benjamim Lousada, um trintanário de Vilarinho Cova de Lua, confessa-se orgulhoso da forma como o centenário da AAC está a ser assinalado. «Se mais não fizemos foi porque não nos deram possibilidades. Apresentámos projectos, mostrámos criatividade e a nossa disponibilidade foi total» — afirma. Por tudo isto, considera-se «insatisfeito, porque os gesto de cumprir os meus compromissos».

A Associação Académica de Coimbra — um centenário festejado em ambiente de grande alegria. Cá fora, à porta da sede, uma pequena multidão. Lá em baixo, na Avenida de Sá da Bandeira, ciclistas da AAC correm, encosta acima, levando a «chama académica» até à velha torre. Iniciou-se a «semana do centenário», centenas de pessoas caminhavam pelas ruas da velha Alma. No pátio da Universidade eram milhares. O frio apertava. Parecia, até, mais frio, quem sabe se devido ao desinteresse que as autoridades deste país estão a demonstrar pelos 100 anos da mais, da mais antiga, da... mais-mais associação de estudantes de Portugal.

Benjamim Lousada, o «presidente do centenário» da Associação Académica de Coimbra: «A política do Ministério da Educação tem de ser revista, alargando o número de estudantes que podem chegar à Universidade». (Foto de Manuel Corrêa).

Dia: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ